

Antropologia e colonialismo em Timor português?

O que foi, de facto, a « tradicional ansiedade lusitana pelos problemas científicos coloniais », tão elogiada por Mendes Correia, grande autoridade na antropologia (e na vida pública) em Portugal durante o Estado Novo? (Correia 1945a: 11) Mendes Correia referiu-se, nomeadamente, ao período dos Descobrimentos, às pesquisas de Rodrigues Ferreira na Amazônia, e às expedições de Ivens, Capelo e Serpa Pinto em África (*Ibid.*). Sem dúvida, estes pioneiros deixaram-nos um trabalho de valor incalculável. No entanto, no que diz respeito aos estudos antropológicos efectuados por portugueses nas suas colónias, não será fácil concordar com Mendes Correia. No período colonial (entre os finais do século XIX e 1974), obras portuguesas de antropologia não só eram escassas, como também não acompanhavam plenamente a evolução internacional desta disciplina científica.

Nas páginas que se seguem, serão considerados alguns dos trabalhos antropológicos realizados no então Timor português, à luz das características gerais da antropologia portuguesa e de certas facetas da política colonial. Estes dois factores não podem ser separados e, com efeito, influenciaram-se mutuamente. Saber é poder, mas o poder também ajuda, impede ou condiciona a obtenção de conhecimentos. No caso do Estado Novo português, verificou-se isso, nomeadamente numa área politicamente tão sensível como a antropologia das colónias.

Independentemente destas considerações, os resultados da pesquisa antropológica em Timor merecem a nossa atenção, agora que Timor Leste assume o estatuto de jovem Estado. Felizmente, têm-se desenvolvido várias iniciativas que visam a recuperação dos dados etnográficos levantados no passado. Das obras escritas, o investigador australiano Kevin Sherlock fez um levantamento minucioso e admirável, e este foi complementado pela exploração, por René Pélissier, da « littérature grise » sobre Timor (Sherlock 1980 ; Pélissier 1996 : 326-344, e *passim*). E estas são apenas algumas das

? Este texto é baseado numa comunicação apresentada no Congresso « Práticas e Terrenos da Antropologia em Portugal », Lisboa, Novembro 1999.

bibliografias recentes (por exemplo, Rowland 1992 ; Rony e Wiarda 1997). São também várias as novas edições de obras de interesse etnográfico (ver Cinatti 1996 [reedição de 1968] ; Castro 1996 [reedição de 1943]), nomeadamente a reedição num só volume dos estudos de António de Almeida sobre a Ásia (Almeida 1994)¹. As décadas de guerra em Timor deixaram marcas profundas o que se reflectirá nas expressões da cultura. Da cultura material tradicional, devido a pilhagens em grande escala, será provavelmente mais fácil encontrar amostras em museus ou em colecções particulares em Portugal e na Austrália do que no próprio território timorense (Guterres & Smith 2001).

Os caminhos da antropologia

Dos estudos efectuados no período colonial sobre a população de Timor, muitos dedicam-se à fisionomia. Efectivamente, os timorenses apresentam uma grande heterogeneidade neste aspecto e assim tornam-se um objecto de estudo privilegiado da antropologia física. Esta era, aliás, a orientação dominante da antropologia portuguesa nas colónias, uma atitude que nos faz lembrar a fase inicial da antropologia como disciplina científica. Nos anos 1950 e 1960 do século XIX, quando foram criados em diversos países as Sociedades e as Associações antropológicas, a antropologia era considerada a « ciência da natureza total do homem » (nas palavras de James Hunt, fundador da Sociedade antropológica de Londres) e os traços físicos eram tidos como pistas importantes no processo que deveria levar à compreensão desse « Homem » (Stocking 1987 : 247 ; Young 1995 : 134-135 ; Winthrop 1991 : 102). Especialmente os crânios eram um objecto de estudo privilegiado, porque era suposto que « ...a organização física, em particular as características craniológicas, governam o desenvolvimento das capacidades psíquicas » (Elizabeth WilliamsDias 1996 : 24 ; Severin 1998 : 280)². O crânio, portanto, seria o ponto de encontro da biologia com os aspectos mentais, sociais e culturais. É bem conhecido o grande interesse de cientistas do século XIX em adquirir crânios humanos, que serviam como base de estudo antropológico³.

Nas décadas seguintes, o interesse principal da antropologia variava de país para país. Na Inglaterra e nalguns outros países, a antropologia física seria reduzida à condição de um dos ramos da antropologia, enquanto que em França e na Alemanha, ela conquistava o lugar de destaque (Stocking

-
1. Este volume foi organizado pelo Centro de Antropobiologia em Lisboa, nomeadamente por Apolinário Guterres.
 2. Lembre-se a importância que se atribuía à respectiva capacidade craniana nos debates, na medicina e na antropologia, sobre a diferença (também em termos de superioridade e inferioridade) de homem e mulher. Ver AMÂNCIO 1994 : 17-18 ; De GROOT 2000 : 41-42.
 3. Militares tinham mais oportunidades em obter crânios, nas suas expedições. Por exemplo, o capitão Arthur Fonseca Cardoso, pertencente à primeira geração da chamada « Escola antropológica portuense », numa campanha na Índia obteve seis crânios, o artigo subsequentemente publicado era intitulado « O indígena de Satary » (publicado em 1898, ver CORRÊA 1941 : 12-13). Sobre a « caça aos crânios » pelos cientistas no século XIX, no Sudeste Asiático, ver PANNELL 1992.
-

1988 : 9 ; Dias 1996 : 26 ; Proctor 1988 : 141)⁴. Na Alemanha, no século XIX, os antropólogos eram na sua larga maioria médicos, inclusivé o grande investigador Rudolf Virchow, que foi, durante anos, Presidente da respeitada Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte. Nas reuniões desta Gesellschaft, os temas apresentados compreendiam achados arqueológicos e objectos etnográficos, mas a maior parte incidia sobre a fisiologia, as funções físicas e as intervenções sobre o corpo nas mais variadas culturas – constituindo estes « temas somáticos » as razões avançadas para impedir que as mulheres se tornassem sócias da Gesellschaft (Pohle 1970 : 21). A mais valiosa propriedade da Gesellschaft era a sua colecção de crânios, que incluía alguns exemplares oriundos de Timor (Pohle 1970 : 26.)⁵.

Em Portugal também havia crânios de Timor em colecções científicas, nomeadamente um conjunto de 35 exemplares no Museu da Universidade de Coimbra, já descrito em 1893-1894, que durante meio século motivou vários estudos sobre a antropologia de Timor (Cunha 1893-1894 ; 1937 ; 1944)⁶. Quando, nos anos 1930, se questionava a proveniência dos crânios, a polémica acendia-se – um facto que já por si confirma a importância (ainda) atribuída a crânios. Em Timor, os portugueses tinham facilidade em obter crânios, dada o lugar central dos rituais de caça à cabeça nas culturas dos povos dessa ilha. A motivação das forças militares indígenas que ajudavam os portugueses no estabelecimento da hegemonia colonial na ilha era em parte inspirada pela possibilidade de cortar as cabeças aos adversários ; estas cabeças, depois, foram oferecidas aos portugueses em troca de panos ou jóias. As tradicionais « festas das cabeças », após tais campanhas militares eram toleradas pelos portugueses, ou talvez mesmo incentivadas (Pélissier 1996 : 48, 52, 294, 295 ; Schlicher 1996 : 177-178).

Do exposto é evidente que a antropologia portuguesa quanto ao estudo de povos de países de fora da Europa seguia o rumo « continental ». Durante muito tempo manteve-se fiel a essa abordagem, mesmo quando esta noutros países já tinha caído em desuso ou, pelo menos, era complementada por outras orientações. Uma outra vertente da antropologia portuguesa era constituída pelo interesse pela cultura em Portugal, nomeadamente a chamada cultura popular do meio rural (Duarte 1999). Este interesse pelo folclore também existia em países da Escandinávia e na Alemanha, à procura de uma identidade nacional (Eriksen 1993 : 101-102). A diferença em relação a Portugal é que esses outros países (Alemanha e Noruega, nomeadamente) apenas por volta de 1900 se puderam afirmar como Estado, enquanto Portugal tinha existido como país com fronteiras praticamente inalteradas desde o século XII. No entanto, Portugal também precisava de se afirmar como Estado de peso, nessa época em que dominava o sentimento de perda

4. Segundo Proctor « *German and French Anthropologie was intended to be a natural science, roughly equivalent to what, in the Anglo-American world, came to be known as physical anthropology* ».

5. A. Langen enviou em 1884 dois crânios, que subsequentemente foram descritos por Virchow (veja *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 16, citado por SCHLICHER 1996 : 105 ; 147-149).

6. Tive acesso apenas a esta última obra.

de um império, associada à frustração das ambições em África, especialmente a seguir do Ultimato de 1890.

As pesquisas antropológicas no « Ultramar » português consistiam quase só em observações sobre a biologia humana e na recolha da cultura material (Areia 1985 : 139). A missão de Jorge Dias em Moçambique, já nos finais dos anos 1950, com o objectivo de registar a cultura dos Maconde, era um passo tardio e, até 1974, constituiu uma excepção (ver Pereira 1986).

No Timor português foi criado, em 1953, o Centro de investigação, uma das actividades da Junta das Missões geográficas e de investigações do Ultramar. As tarefas propostas na área da antropologia relacionavam-se com a antropologia física e a pré-história, e visava-se algum levantamento de dados sobre « a dieta, registo de mutilações étnicas, o número de filhos, vivos e mortos, alguns dos seus usos e costumes e dados linguísticos, etc. » (Almeida 1954 : 352 ; 1994 : 26). São curiosas as semelhanças com as orientações da antropologia continental da segunda metade do século XIX, que eram : « ...largely [...] physical anthropology, material culture, demography, and linguistics of the word-list variety »⁷. Uma abordagem cuja actualização em Portugal levou muito tempo.

Os povos de Timor

Para um cientista interessado na diversidade de fenótipos humanos, um encontro com a população de Timor e das ilhas adjacentes é fascinante. Por um lado, há timorenses com traços vulgarmente designados como « malaios » e, por outro, há aqueles com traços chamados « melanésios » ou « papua », – e ainda muitos outros, cuja classificação é, de facto, inviável.

A esta diversidade no aspecto fisiológico junta-se a complexidade linguística. Das numerosas línguas, a maior parte pertence à grande família austronésia, mas também estão presentes algumas línguas não-austronésias. Nas zonas de Timor antigamente governadas pelos Portugueses falam-se todas as línguas indígenas timorenses (à excepção do Helon), enquanto que no Timor indonésio apenas existem quatro línguas indígenas. O grupo etnolinguístico dos Atoni (também chamado Vaiqueno ou Dawan), que vive em Timor ocidental e Oikusi, é o maior da ilha e é considerado um dos mais antigos, entre outras razões, em virtude dos seus traços corporais « melanésios ». Nisso distingue-se, por exemplo, dos Belu (Tétum), que vivem na parte central da ilha e numa área mais oriental, e que parecem mais « malaios » (Hicks 1972). Eles são provavelmente originários de ilhas situadas no Ocidente, entre as quais Célebes (Sulawesi) é frequentemente referida na sua mitologia (Barnes 1995 : 307).

Com efeito, os povos que habitam o grande arquipélago da Insulíndia durante muito tempo têm sido dividido por observadores ocidentais em duas grandes categorias : os Malaios e os Melanésios (ou Papua). Tais classificações de tipos fisiológicos, no século XIX, facilmente se estendiam a

7. STOCKING (1991 : 63), em relação a Nikolai Miklouho-Maclay, etnógrafo oitocentista, que trabalhou principalmente na Nova Guiné.

características mentais, com o pressuposto de que a aparência revelava o carácter e a cultura. Estudos etnológicos às vezes denominaram os (grupos de) povos discutidos segundo as suas características fisiológicas em vez de características culturais ou em vez de empregar nomes para os grupos étnicos (por exemplo, Riedel 1886 ; Bijlmer 1930).

Um representante destas ideias é Alfred Russel Wallace, que relacionava as diferenças observadas no comportamento e « *moral character* » entre os Papuas (os orientais), e os Malaaios (os ocidentais) com as suas diferenças corporais (Wallace 1962 : 15). Para ele, os Malaaios e os Papuas eram « *two of the most distinct and strongly marked races that the earth contains [...] being distinguished by physical, mental and moral characteristics, all of the most marked and striking kind* » (Wallace 1962 : 317 ; 332) Se os grupos classificados como Papuas eram activos, ruidosos e extrovertidos, já os Malaaios eram tranquilos, indolentes e escondiam os seus sentimentos, segundo este autor.

Nas suas expedições científicas no arquipélago, Wallace permaneceu alguns meses em Timor oriental, em 1861. A que categoria pertenciam os timorenses, com toda a sua diversidade ? Wallace não tem dúvidas que eles não são Malaaios, nem em aparência nem em comportamento. É assim que ele retrata as mulheres de Timor (neste caso, de Kupang) : « *The way in which the women talk to each other and to the men, their loud voices and laughter, and general character of self-assertion, would enable an experienced observer to decide, even without seeing them, that they were not Malays* » (Wallace 1962 : 142).

A conclusão de que o elemento malaio tinha uma importância menor foi reiterada sessenta anos mais tarde por Hendrik Bijlmer, que, como médico ao serviço do exército holandês fez investigações na área da antropologia biológica : « *In Timor and East Flores, one feels one is absolutely no longer among Malays* » (Bijlmer 1929 : 189). Mas a situação era complexa : « *Where does "Melanesian" end and where does "Mongolian" begin ?* » (Bijlmer 1929 : 83)⁸. Bijlmer estava, portanto, consciente da dificuldade em estabelecer fronteiras – uma ideia hoje familiar entre antropólogos quer se debrucem sobre cultura, fisiologia ou língua, quer sobre a demarcação entre grupos étnicos⁹.

Bijlmer não encontrou critério para dividir correctamente em dois os fenótipos encontrados, e nem o de « *Mongol fold* », como forma particular do olho, tinha utilidade : « *I indeed often found the most perfect Mongol fold on the most Negroid face !* » (Bijlmer 1929 : 85). De igual modo, não verificou uma correlação entre a incidência de cabelos lisos e a de « *Mongol fold* ». Por exemplo, dos Belu só 10 % manifestavam estas duas características. Uma conclusão certa de Bijlmer era a de que, dos povos observados na zona, em Timor os Atoni eram os mais « *Melanésios* », a seguir aos habitantes da parte oriental da ilha de Flores (Larantuka) (Bijlmer 1929 : 190).

8. « *Mongolian* » é como o autor aqui denomina « malaio ».

9. Uma exposição excelente sobre a problemática de distinguir povos e atribuí- lhes nomes é, sobre a ilha de Bornéu, em WADLEY 2000.

Mendes Correia e António de Almeida – contribuições para a antropologia de Timor

Também os antropólogos portugueses concluíram que o elemento papua (melanésio) era o mais notável na parte ocidental da ilha, entre os Atoni. Esses antropólogos, no entanto, aplicavam uma metodologia diferente da de, por exemplo, Bijlmer.

António Augusto Mendes Correia era um desses antropólogos que se dedicaram à antropologia de Timor, quer de perto, quer à distância. Médico de raiz, durante largos anos professor de antropologia, geografia e etnografia no Porto e em Lisboa, e também presidente da JMGIC, a Junta das Missões geográficas e de investigações coloniais (mais tarde : do Ultramar), criada em 1936, Mendes Correia centrou-se na antropologia física.

Em 1916 publicou dois artigos a partir de manuscritos e apontamentos feitos pelo militar e antropólogo Arthur Augusto Fonseca Cardoso (Correia 1916a, Correia 1916b)¹⁰, que observou centenas de indivíduos em Timor. Consta do texto que Mendes Correia conhecia as obras de cientistas que já tinham visitado a ilha, nomeadamente de Wallace, do biólogo escocês Henry Forbes e do médico e antropólogo holandês Herman ten Kate. Este mantinha uma correspondência com Mendes Correia, como aliás também com Wenceslau de Moraes (Correia 1932.)¹¹.

Nesse mesmo ano, Mendes Correia publicou o artigo « Antropologia Timorense » (Correia 1916c) ; por detrás deste título escondia-se um tratado sobre as características anatómicas e fisiológicas de timorenses. Para um artigo posterior, com título semelhante, « Antropologia de Timor », o antropólogo observou os timorenses presentes na Exposição Colonial, de 1934¹².

A descrição e medição desses timorenses, « em exposição » na metrópole, e também dos timorenses na Exposição do Mundo Português de 1940, foram actividades de pesquisa que Mendes Correia considerava fundamentais. Os resultados forneceram elementos importantes para a sua principal obra sobre Timor, *Timor português. Contribuições para o seu estudo antropológico*, publicada em 1944, e classificada por Kevin Sherlock como um « standard item » (Correia 1944 ; Sherlock 1980 : xii).

Uma outra base desta obra foram as centenas de fotografias de timorenses, naturais de diversas regiões. Esse material visual foi encomendado pelo Coronel Álvaro da Fontoura, governador de 1937 até 1940, e custeado pela JMGIC. Foi também a referida Junta que forneceu as verbas para as publicações daí resultantes (Correia 1945a : 12). Em 1953 Mendes Correia

10. Ver também nota 3.

11. Moraes, escritor português que passou grande parte da sua vida no Oriente, nomeadamente no Japão, país que é o cenário de muitas das suas obras.

12. Em *Boletim Geral das Colónias X* (108) : 205-207, 1934. Kevin Sherlock nota que é uma reedição do artigo que foi publicado, com o título « Timorenses na Exposição », no órgão oficial da Exposição Colonial, *Ultramar*. Veja também « Representação indígena de Timor », *Boletim Geral das Colónias X* (108) : 159-160. Nas Exposições Mundiais e eventos semelhantes, era normal a apresentação de seres humanos de outros países (nomeadamente os colonizados). Ver GREENHALGH 1988 : 82-111.

permaneceu durante um mês em Timor Leste, onde uma equipa de antropólogos enviados pela Junta iniciava as suas pesquisas.

Estas investigações eram coordenadas por António de Almeida (1900-1984), homem que se evidenciou, em relação a Timor, como investigador extremamente produtivo e universal. Foi um antropólogo no sentido mais lato, ou seja, no sentido antigo. Já anteriormente, tinha coordenado cinco expedições antropológicas e arqueológicas em Angola, e em 1954 foi adjunto da Missão científica de São Tomé. Como chefe de Missão antropológica de Timor (a partir de 1953-54), trabalhou nas várias campanhas em conjunto com Mendes Correia, Ruy Cinatti¹³ e outros. Realizou pesquisas entre os 31 grupos étnico-linguísticos timorenses que distinguia¹⁴, e também entre os Chineses oriundos de Macau residentes em Timor. Exemplos dos seus temas são – se nos limitarmos à etnografia – a onomástica-tabu, a cultura material, a etnozootologia e a etnobotânica. No entanto, o seu tratamento dessa matéria raramente ia além das descrições.

O estudo mais antigo de Almeida sobre Timor a que tive acesso, datado de 1946, e baseado em relatos de outros autores, (Almeida 1946 e 1994 : 321-378) aborda um aspecto corporal : as práticas de mutilação. Esta temática insere-se na linha dos seus interesses, já anteriormente manifestados, nomeadamente na sua dissertação do concurso para professor da Escola Superior Colonal, em 1937¹⁵. É de notar que também o seu, aparentemente, último artigo sobre Timor (de 1977, redigido com Maria Emília de Castro e Almeida) (Almeida & Castro e Almeida 1977 ; Almeida 1994 : 669-678). trata as mutilações, mais especificamente dos dentes, « ...ces curieux aspects ethnomorphobiologiques ». Este artigo é, creio eu, um bom exemplo do seu modo de fazer etnografia : atribui interesse aos aspectos somáticos e aos pormenores, sem chegar a uma síntese original. Com a minuciosidade característica das suas descrições, todos os grupos etno-linguísticos de Timor Leste são enumerados, de forma esquemática, cada um com os seus hábitos próprios em relação à mutilação dentária.

Em muitas das suas publicações, António de Almeida faz questão de mencionar os nomes e as particularidades dos grupos etno-linguísticos que constituem, segundo a sua classificação, a população indígena de Timor Leste. A diversidade cultural do povo timorense é óbvia na variedade de línguas e na cultura material, nomeadamente na arquitectura, bem descrita por Ruy Cinatti (Cinatti 1987). No entanto, a taxonomia de Almeida parece-nos demasiado sofisticada e estática, apresentando dezenas de categorias de

13. Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes (conhecido poeta, além de engenheiro agrónomo e antropólogo) permaneceu durante décadas em Timor Leste. Publicou, entre outros textos, sobre temas ligados à botânica, antropologia e arquitectura timorense (Ver CINATTI 1987 ; 1996).

14. Havia, e há, divergência de opiniões acerca do número de grupos etnolingüísticos. O debate acerca deste assunto é exposto com clareza por Maria Emília de Castro e ALMEIDA (1982), embora os dados estejam hoje desactualizados. Quanto a António de Almeida, este antropólogo não se deslocava às áreas de todos os grupos referidos, mas no caso de alguns limitava-se a entrevistas com pessoas presentes em Díli, ou até empregava intermediários (informantes), por exemplo pessoal médico.

15. *Sobre mutilações étnicas dos aborígenes de Angola* (1937) ; e artigos posteriores sobre mutilações na Guiné (1940), no Cabo Verde (1941), e em São Tomé e Príncipe (1943).

timorenses e não-timorenses, mas ignorando a importância numérica e cultural dos timorenses que pertencem simultaneamente a vários grupos, por ascendência ou por vivência. As « fronteiras » entre os diversos grupos, de certeza, não eram tão fixas como as suas obras sugerem. Já autores anteriores a ele, por exemplo Barros e Cunha, fizeram referência à « larga mestiçagem de raças diversas na população de Timor » (Cunha 1944 : 7) – afirmação baseada em correspondência com pessoas que residiam em Timor, nomeadamente o militar José S. Martinho.

O esquema pormenorizado numa obra de Almeida de 1966 contém a categoria « mestiços de várias ascendências », a ser dividida em « Lusodescendentes » e « Outros », mas esta categoria não está explicitada. O mesmo esquema pode até levar a mal entendidos, equiparando « Timorenses indonésios » a « moiros », visto que em Timor Indonésio (Timor ocidental) o Islão não é a religião dominante. Esta categoria de Almeida provavelmente incluiu muçulmanos provenientes de outras ilhas da Indonésia (Almeida 1966-67 : 23-4 ; 1994 : 99-100).

As classificações de Almeida também surpreendem pelo facto de não fazerem referência a africanos, isto ainda que moçambicanos e angolanos, em número apreciável, tivessem feito parte das tropas subalternas que participaram, meio século antes, na « pacificação » (Pélissier 1996 : 91-94 ; 105 ; Forbes 1887 : 232). É verdade que o seu número, e os seus vestígios observáveis, diminuíram. Já segundo o censo de 1936, os « negros africanos » só perfaziam 157, numa população total de 463 996 (Correia 1945b : 16), enquanto em 1970 da população de 606 477, classificados como negros eram 22, e 42 como indianos (Suparlan 1980 : 41-42).

Com a sua taxonomia da população indígena, Almeida enquadrava-se nas tendências gerais dos poderes coloniais, que costumavam salientar a diversidade étnica dos povos submetidos. Cada grupo étnico era encarado e tratado de forma diferente, de acordo com ideias (baseadas ou não em pesquisas antropológicas) sobre a sua vida social e cultural, a sua fisiologia e o seu carácter. A suposição duma correlação entre aspectos físicos e mentais é antiga e particularmente presente na antropologia do século XIX, como já referido. No entanto, no caso de António de Almeida, não verifiquei nenhuma tendência para atribuir traços de carácter a um determinado grupo timorense.

O regime colonial português aproveitou-se do interesse antropológico pela fisiologia. Estudos de antropobiologia pareciam permitir uma avaliação da utilidade e das aptidões dos indígenas¹⁶. Mendes Correia, no seu artigo « Valor psico-social comparado das raças coloniais », abordava (nomeadamente entre os africanos) factores como « aptidão para o trabalho », « impulsividade », « inteligência global » e « educabilidade ». O tipo físico forneceria, para tal, já algumas indicações (Correia 1934)¹⁷.

16. Compare DUARTE 1999 : 92, sobre os motivos das Missões Antropológicas para as colónias iniciadas em 1934.

17. Outras dimensões eram « moralidade » ; « sugestibilidade » ; « resolução ou decisão », « previdência », « tenacidade » ; « inteligência global », « educabilidade ». Este artigo assenta numa metodologia duvidosa, o que o próprio autor também reconhecia mas que não o impediu de apresentar os resultados.

Nesta abordagem raramente se considerava a possibilidade de influências dos contactos existentes entre grupos, ou de mudanças sociais. Almeida nega explicitamente quaisquer influências culturais do lado dos chineses e de pessoas oriundas das ilhas da Indonésia presentes em Timor português (Almeida 1961 : 39 ;1994 : 461). No entanto, havia um povo que, segundo ele, exercia grande impacto cultural : os portugueses. Hoje, após a ocupação pela Indonésia e em pleno processo de « nation building », no qual Timor Leste salienta elementos da sua singularidade, é curiosa a seguinte observação de Almeida, por volta de 1960 : « [A] cultura portuguesa em Timor tende a suplantar com êxito crescente a cultura indonésico-malaia » (Almeida 1961 : 39 ; 1994 : 461). Este « aportunuesamento », suposto ou verdadeiro, e as ideias acerca dele constituem um assunto a ser abordado na próxima secção.

Uma missão civilizadora

A mudança da sociedade timorense sob a influência portuguesa é um tema recorrente na obra de Almeida : « Ao longo de mais de quatro séculos, a actividade civilizadora dos Portugueses impressionou funda e duradouramente os naturais de Timor » (Almeida 1961 : 39 ; 1994 : 461). Confirmava, assim, com a sua autoridade de antropólogo, uma ideia já difundida em Portugal, e que se juntava às mensagens do Estado Novo. A introdução da civilização portuguesa, considerada superior, era uma missão sagrada, servindo, ao mesmo tempo, como justificação da presença lusitana.

Desta chamada actividade civilizadora, Almeida dá exemplos : para além de serviços de saúde e de polícia, os portugueses introduziram o milho, o boi, o porco de boas raças, a enxada e outros utensílios, fósforos e produtos de nylon ou de elástico. Eles ensinaram os timorenses a fazer queijo e manteiga, e melhoraram-se as habitações (Almeida 1961 : 37 ; 1994 : 459). Hoje sabemos sobre todos estes exemplos, que a sua introdução apenas se limitava nalgumas áreas geográficas, e mesmo lá não era acessível a todos.

Almeida assinalava em conclusão que « [a] nossa presença faz extinguir ou esmorecer a frequência de velhas práticas ergológicas nativas » (Almeida 1961 : 36-37 ; 1994 : 458-459). Uma tendência deste género seria lamentada por muitos antropólogos, atendendo ao respeito e fascínio que esse categoria profissional por hábito tem pela diversidade de expressões culturais. Não era o caso de Almeida, que não evidenciava arrependimento em relação ao desaparecimento de aspectos da cultura antiga. Paradigmática é a sua atitude em relação às técnicas tradicionais de tecelagem *ikat*, por meio das quais se produziam panos com desenhos encantadores – panos que também tinham funções simbólicas e rituais¹⁸. Almeida, na parca atenção que dá a esta técnica, no seu retrato da indústria do algodão, admite que « [a] tecelagem, tão florescente em passado não distante ...está em

18. Veja sobre esse tipo de tecelagem, NORDHOLT 1971 : 41-46 ; SCHOUTEN no prelo. Sobre expressões artísticas timorenses em geral, CINATTI 1987.

decadência *por virtude* da importação cada vez maior de tecidos » (Almeida 1959 : 446-447 ; 1994 : 382-383) (sublinhado meu)¹⁹. E mais uma vez refere-se ao material sintético (acessível graças aos portugueses), enquanto, noutras páginas da sua obra, menciona a costura e o bordado que as raparigas aprendem nas escolas. As Irmãs Canossianas, como sabemos por Francisco Meneses, ensinavam também a técnica portuguesa de desfiação ; e as rendas produzidas em Timor seriam ainda mais belas que as da ilha de Madeira e de Peniche²⁰. Esta arte, provavelmente, pretendia substituir, como « *lavor feminino* », a de tecelagem *ikat*, igualmente laboriosa. No entanto, outros portugueses mostraram admiração pelo *ikat*, como Ruy Cinatti e Almeida e Carmo ; este recomenda protecção e estímulo para o fabrico caseiro (Carmo 1965 : 102).

Mesmo uma das práticas que Almeida privilegiava nas suas pesquisas, a mutilação dentária, não parecia merecer-lhe muita consideração. Como escrevia, o pintar de preto os dentes está « *... en disparition, surtout au sexe masculin* », graças à *l'acculturation portugaise* » (sublinhado meu) (Almeida e Castro e Almeida 1977 : 672. (Almeida 1994 : 672).

Ele considera como um dos mais importantes aspectos da « *impregnação da cultura ocidentalóide* » em Timor Leste, os de carácter « *animológico* », quer dizer a introdução de escolas e do Catolicismo (Almeida 1976-77 : 145 ; 1994 : 665). No princípio dos anos 1960, considerou já como numerosos os testemunhos de « *portuguesismo* » entre os timorenses (Almeida 1961 : 38 ; 1994 : 460), devido, em primeiro lugar, à acção missionária. Era, portanto, um êxito do grande projecto missionário nas colónias de Portugal, caracterizado tão acertadamente por Paulo Valverde « *como um trabalho simultâneo que visa cristianizar - ou antes catolizar - civilizar e portugalizar* » (Valverde 1997 : 77), ou, segundo uma autoridade das missões católicas portuguesas, « *impregnar de portuguesismo a paisagem africana* » neste caso extensível a Timor (Silva Rego (1962) *in* Valverde 1997 : 91).

Não deixa de intrigar a atitude de Almeida, que descreveu costumes e técnicas tradicionais com tanta minúcia, ambicionando uma inventariação completa. Parece que queria fazer um registo de itens, a ser efectuado antes do seu desaparecimento total, a favor da cultura portuguesa. As suas publicações, redigidas para um grande público ou um fóro internacional, serviam também para criar e corroborar uma imagem da febril actividade científica dos portugueses nas colónias, uma « *ocupação científica* » que seguia a ocupação militar e política, nas palavras de Mendes Correia (Correia 1945 : 3).

A paradoxalidade de Almeida assenta no facto de ter estudado práticas que estavam, na sua opinião, condenadas a ser extintas e substituídas pelas superiores práticas portuguesas. Assim, assistir-se-ia ao oficialmente tão desejado « *aportuguesamento das colónias* ». No Estado Novo, era geral a

19. Segundo NORDHOLT (1971 : 46), os Atoni de Timor ocidental, após a ocupação japonesa, retomaram a arte de tecelagem, e em 1969 em toda a parte, à excepção da cidade de Kupang, as pessoas vestiam ainda a roupa tradicional. Também é assim em Timor Leste, como o mostram imagens da TV e os relatórios contemporâneos (ver, por exemplo, KOHEN 1999 : 24).

20. MENESES 1968 : 329, citando Teófilo Duarte. O ensino de labores femininos, estilo ocidental, acontecia, de resto, em quase todas as colónias, não apenas as portuguesas.

ideia de que as culturas dos povos colonizados eram pobres e inferiores²¹, e, por isso, não mereciam grande interesse, o que explica a escassez de trabalhos antropológicos focalizando o aspecto cultural. A rejeição da cultura indígena, por parte dos portugueses, evidenciou-se também em medidas oficiais, tal como no caso de Timor, em 1954, quando foi oficialmente proibido o uso da *lipa* (pano posto à cintura, na Indonésia chamado *sarung*), como parte do vestuário dos homens (Castelo 1998 : 122).

Tal medida e a ideologia que lhe estava subjacente não se enquadrava na tese de Gilberto Freyre sobre o « lusotropicalismo », que aliás nunca foi aceite, na íntegra, pelos homens do Poder²². Estes tinham alguma simpatia pela ideia inerente ao lusotropicalismo, que a presença dos portugueses nos trópicos era diferente, mais humana do que a de outros poderes colonizadores. Mas o conceito de « civilização lusotropical », em que as várias culturas sob influência portuguesa trocam elementos culturais entre si – sendo a cultura portuguesa apenas um dos parceiros, ao mesmo nível dos outros –, claramente não se coadunava com a ideia que a cultura portuguesa era superior, ideia que também transpirava em muitas obras antropológicas dos portugueses na época.

Faltava, portanto, uma valorização das culturas tradicionais. Mas também faltava uma verdadeira e sincera implementação duma missão civilizadora. A actuação dos portugueses durante a maior parte do período de contactos com Timor caracterizou-se pela indiferença, por campanhas militares sangrentas e pela exploração económica²³. Na visão de muitos dos oficiais coloniais em Timor e noutros territórios, o mais importante elemento da missão civilizadora era ensinar a trabalhar – quer isto dizer, sob as condições dos Portugueses²⁴.

* * *

A convicção da superioridade da cultura portuguesa, que, mais tarde ou mais cedo, se iria impor à cultura material e à religião indígenas, está por vezes explícita nas obras de Almeida e de muitos outros autores. Observando a situação actual naquele país, parece que essa assunção se tornou verdade, nomeadamente no que diz respeito à religião. No entanto, foi apenas durante a ocupação pela Indonésia que se verificou a cristianização da maior parte da população, resultante da procura de uma identidade

21. Ideia expressa, por exemplo, por Marcello Caetano e Oliveira Salazar, em 1954 e 1957, respectivamente. Ver CASTELO 1998 : 124 ; LÉONARD 1997.

22. Acerca da proibição da *lipa* ainda consta que Gilberto Freyre, que conheceu esta medida por intermédio de Ruy Cinatti, protestou. No entanto, encarava esta acção das autoridades como uma excepção ao estilo de actuação dos portugueses nas colónias (CASTELO 1998 : 122). É de assinalar, ainda, que as autoridades portuguesas fizeram em 1951 um esforço para convencer Freyre a não visitar Timor, na sua viagem pelo Ultramar Português (CASTELO 1998 : 89). Ver também CARDOSO 1997 : 52.

23. Obras recentes, baseadas em pesquisa rigorosa, entre as quais devem ser salientadas as de Monika SCHLICHER (1996) e de René PÉLISSIER (1996), comprovam isso.

24. Veja sobre esta questão Schlicher 1996 : 299-305. Era oficial a opinião de que era fundamental « ensinar o negro a trabalhar, dando-lhe os meios e obrigando-o a tanto », nas palavras de Armindo Monteiro, Ministro das Colónias e dos Negócios Estrangeiros nos anos 30. Ver CASTELO 1998 : 85-86.

colectiva distinta da dos ocupantes. Por outro lado, mantiveram-se numerosos elementos das culturas tradicionais. Em que medida, depois do domínio indonésio, aspectos tradicionais, portugueses, indonésios ou os chamados globais estão agora presentes em Timor Loro Sa'e, e também em que medida estes são mutuamente influentes, é uma questão em aberto. Os trabalhos antropológicos efectuados na época portuguesa, não obstante as reservas possíveis e acima delineadas, terão um papel fundamental para futuros estudos.

Covilhã, 18 de Setembro de 2001

Maria Johanna SCHOUTEN

Universidade da Beira Interior e Cepesa, Lisboa

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A. de 1946, « Das mutilações étnicas dos indígenas de Timor », *Boletim Geral das Colónias* (Lisboa), 251 : 66-73 ; 252 : 48-54 ; 253 : 104-111 ; 254 : 61-67 ; 255 : 102-108 ; 256 : 93-101 ; 257 : 53-58.
- 1954, « IV Congresso de Pré-História do Extremo Oriente », *Garcia de Orta* (Lisboa), 2-3 : 349-357.
- 1959, « Notas sobre artes e ofícios de nativos de Timor português », *Garcia de Orta* (Lisboa) 3 : 445-451.
- 1961, « Presenças culturais no Timor português » *Estudos de Ciências Políticas e Sociais* (Lisboa), 51 : 25-40.
- 1966-67, « Os povos actuais do Oriente Português (Estado da Índia, Macau e Timor português) », *Províncias Portuguesas do Oriente - Curso de extensão universitária - Ano lectivo 1966-67*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar : 5-26.
- 1976-77, « Contribuição para o estudo dos nomes "Lúlik" (sagrados) no Timor de expressão portuguesa », *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, 21 : 121-142.
- 1994, *O Oriente de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Fundação Oriente, Centro de Estudos Orientais.
- ALMEIDA, A. & ALMEIDA, M.E. de Castro e 1977, « À propos des mutilations dentaires à Timor-Dili », *Glasnik Antropoloskog Društva Jugoslavije*, Belgrado : 101-108.
- ALMEIDA, M.E. de Castro e 1982, *Estudo serológico dos grupos etnolinguísticos de Timor-Dili (sistema Abo)*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar (Estudos « Ensaios e Documentos », 141).
- AMÂNCIO, L. 1994, *Masculino e feminino ; A construção social da diferença*, Porto : Edições Afrontamento.
- AREIA, M.L. Rodrigues de 1985, « A investigação e o ensino da antropologia em Portugal após o 25 de Abril », *Revista Crítica das Ciências Sociais* (Coimbra), 18-19-20 : 139-152.
- BARNES, R.H. 1995, « Being Indigenous in eastern Indonesia », in R.H. BARNES, A. GRAY, B. KINGSBURY (eds), *Indigenous peoples of Asia*, Ann Arbor, Association for Asian Studies : 307-322.
- BIJLMER, H.J. Tobias 1929, *Outlines of the anthropology of the Timor-Archipelago*, Weltevreden, Kolff.

- 1930, « Frizzly-haired peoples in the Pacific, especially those in the Netherlands East Indies », *Proceedings of the Fourth Pacific Science Congress, Java, May-June 1929*, Honolulu, Pacific Science Association.
- CARDOSO, L. 1997, *Crónica de uma travessia; A época do Ai-Dik-Funam*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- CARMO, A. Duarte de Almeida e 1965, *O povo Mambai. Contribuição para o estudo do povo do grupo linguístico Mambai-Timor*, Lisboa, Instituto Superior das Ciências Sociais e Políticas do Ultramar.
- CASTELO, C. 1998, « O modo português de estar no mundo »; *O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, Porto, Edições Afrontamento.
- CASTRO, A.O. de 1996, *A ilha verde e vermelha de Timor*, Lisboa, Cotovia. [Primeira edição 1943]
- CINATTI, R. 1987, *Motivos artísticos timorenses e a sua integração*, Lisboa, Instituto de investigação científica tropical-Museu de Etnologia.
- 1996, *Um cancionero para Timor*, Lisboa, Editorial Presença. [Primeira edição 1969]
- CORREIA [CORRÊA], António Augusto Mendes 1916a, *Quiocos, Luimbes, Luenas e Lutchazes (notas antropológicas sobre observações de Fonseca Cardoso)*, Lisboa.
- 1916b, *Timorenses de Okussi e Ambeno*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- 1916c, *Antropologia Timorense*, Porto, Tipografia da Renascença Portuguesa.
- 1932, *Herman ten Kate (um amigo de Wenceslau de Moraes)*, Porto, Universidade do Porto.
- 1934, *Valor psico-social comparado das raças coloniais. Trabalhos do primeiro Congresso nacional de Antropologia colonial*, Porto, Setembro de 1934, Porto, Editora 1ª Exposição Colonial Portuguesa : 385-393.
- 1941, *A escola antropológica Portuense*, Porto.
- 1944, *Timor português. Contribuições para o seu estudo antropológico*, Lisboa, Ministério das Colónias.
- 1945a, « Missões antropológicas às Colónias », *Jornal do Médico* (Lisboa), 149 : 11-12.
- 1945b, « Sobre um problema de biologia humana em Timor português », *Boletim Geral das Colónias* (Lisboa), 235 : 13-26.
- CUNHA, J.G. de Barros e 1893-94, « Notícia sobre uma série de crânios da ilha de Timor, existentes no Museu da Universidade de Coimbra », *O Instituto* (Coimbra), 41 : 852 ff ; 934 ff ; 1044 ff.
- 1937, « A autenticidade dos crânios de Timor no Museu da Universidade de Coimbra e o estado actual dos nossos conhecimentos sobre o problema da composição étnica da população de Timor », *Revista da Faculdade de Ciências* (Coimbra), VI (3) : 327-385.
- 1944, « Notícias recentes sobre a população de Timor », 4ª secção, Congresso Luso-Espanhol do Porto, 1942, Porto, Imprensa Portuguesa.
- De GROOT, J. 2000, « "Sex" and "Race" ; the Construction of Language and Image in the Nineteenth Century », in Catherine HALL (ed.), *Cultures of empire ; Colonizers in Britain and the empire in the nineteenth and twentieth centuries ; A reader*, Manchester, Manchester University Press : 39-60.
- DIAS, N. 1996, « O corpo e a visibilidade da diferença », in M. Vale de ALMEIDA (ed.), *Corpo presente : Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*, Oeiras, Celta : 23-44.
- DUARTE, A. 1997, « Antropologia portuguesa : A opção etno-folclorista do Estado Novo », *Trabalhos de Antropologia e de Etnologia* (Lisboa), XXXIX (3-4) : 81-96.
- ERIKSEN, Th. H. 1993, *Ethnicity and nationalism ; Anthropological perspectives*, Londres, Pluto Press.
- FORBES, A. 1887, *Insulinde*, Londres, Blackwood.

- GREENHALGH, P. 1988, *Ephemeral vistas; The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World's Fairs, 1851-1939*, Manchester, Manchester University Press.
- GUTERRES, J. & V. SMITH 2001, « The looting and dispersion of cultural heritage. Political, social and cultural consequences », comunicação apresentada no Colóquio *Nation Building in East Timor*, Lisboa, Sociedade de Geografia, 21, 22 e 23 de Junho de 2001.
- HICKS, D. 1972, « Timor-Roti. Eastern Tetum », in F. LEBAR (ed.), *Ethnic groups of Insular Southeast Asia. I. Indonesia, Andaman Islands, and Madagascar*, New Haven, Human Relations Areas Files Press : 97-103.
- KOHEN, A.S. 1999, *Biografia de D. Ximenes Belo; Por Timor*, Lisboa, Editorial Notícias.
- LÉONARD, Y. 1997, « Salazarisme et Lusotropicalisme, histoire d'une appropriation », « Lusotropicalisme. Idéologies coloniales et identités nationales dans les mondes lusophones », *Lusotopie* (Paris, Karthala) : 211 - 226.
- MENESES, F.X. 1968, *Contacto de culturas no Timor português. Contribuição para o seu estudo*, Tese, Instituto Superior das Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.
- NORDHOLT, H. Schulte 1971, *The political system of the Atoni of Timor*, Haia, Nijhoff.
- PANNELL, S. 1992, « Travelling to other worlds: Narratives of Headhunting, Appropriation and the Other in the "Eastern Archipelago" », *Oceania* (Sidney, University of Sidney), 62 : 162-178.
- PÉLISSIER, R. 1996, *Timor en guerre. Le crocodile et les Portugais (1847-1913)*, Orgeval (France), Péliissier.
- PEREIRA, R. 1986, *Antropologia aplicada na política colonial portuguesa. A Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português*, Lisboa, Faculdade das Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- POHLE, H. 1970, *Festschrift zum hundertjaehrigen Bestehen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, 1869-1969. II. Fachwissenschaftliche Beiträge*, Berlim, Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte.
- PROCTOR, R. 1988, « From Anthropologie to Rassenkunde in the German anthropological tradition », in G.W. STOCKING Jr. (ed.), *Bones, Bodies, Behavior; Essays on biological anthropology*, Madison, The University of Wisconsin Press : 138-179.
- RIEDEL, J.G.F. 1886, *De sluik- en kroesharige rassen tusschen Selebes en Papua*, 's Gravenhage (Holanda), Nijhoff.
- RONY, A. Kohar & WIARDA, I. Siquera 1997, *Bibliography; The Portuguese in Southeast Asia: Malacca, Moluccas, East Timor*, Hamburgo, Abera Verlag.
- ROWLAND, I. 1992, *Timor, including the islands of Roti and Ndao*, Oxford-Sanra Barbara (EUA), Clio Press (World Bibliographical Series, 142).
- SCHLICHER, M. 1996, *Portugal in Ost-Timor. Eine kritische Untersuchung zur portugiesischen Kolonialgeschichte in Ost-Timor, 1850 bis 1912*, Hamburgo, Abera-Verlag.
- SCHOUTEN, M.J.C. no prelo, « Têxtil e status. A fabricação artesanal de panos por mulheres na Ásia do Sudeste », *Actas das 3^{as} Jornadas de Arqueologia Industrial*, Covilhã, Universidade da Beira Interior.
- SEVERIN, T. 1998, *The Spice Island Voyage. In search of Wallace*, Londres, Abacus. [Primeira edição 1997]
- SHERLOCK, K. 1980, *A bibliography of Timor including East (formerly Portuguese) Timor, West (formerly Dutch) Timor and the Island of Roti*, Canberra, The Australian National University, Research School of Pacific Studies.
- STOCKING, G.W. Jr. 1987, *Victorian anthropology*, Nova Iorque.
- 1988 *Bones, Bodies, Behavior. Essays on biological anthropology*, Madison, The University of Wisconsin Press.
- 1991 « Maclay, Kubary, Malinowski: Archetypes from the dreamtime of anthropology », in G.W. STOCKING (ed.), *Colonial situations. Essays on the*

contextualization of ethnographic knowledge, Madison, The University of Wisconsin Press : 9-79.

- SUPARLAN, P. 1980, « Orang Timor Timur », *Berita Antropologi* (Jakarta), XI (36) : 37-67.
- VALVERDE, P. 1997, « O corpo e a busca de lugares de perfeição ». *Escritas missionárias da África colonial portuguesa, 1930-60* », *Etnografica* (Lisboa), I (1) : 73-96.
- WADLEY, L. 2000, « Reconsidering an ethnic label in Borneo. The "Maloh" of West Kalimantan, Indonesia », *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* (Leiden), CLVI (1) : 83-101.
- WALLACE, A. Russel 1962, *The Malay Archipelago*, Nova Iorque, Dover Publications. [Primeira edição 1869]
- WINIHROP, R.H. 1991, *Dictionary of concepts in cultural anthropology*, Nova Iorque, Green Press.
- YOUNG, R.J.C. 1995, *Colonial desire ; Hybridity in theory, culture and race*, Londres, Routledge.
-